



A Teologia da Cruz



Mai/Jun 80
Ano 46
Número 3

De Coração a Coração

A Teologia da Renúncia 3

Evangelismo

Tornando Evangelístico o Plano de Cinco Dias 5

Cultos e Domingos

9

Igreja

Autoridade na Igreja 11

Obra Pastoral

Ministrando aos Solteiros 13

Observações Sobre o Serviço da Comunhão 16

Artigos Gerais

A Teologia da Cruz 18

Racionalismo, Empirismo e Cristianismo Como
Sistemas Filosóficos Para Chegar à Verdade 21

Gerente Geral:
Wilson Sarli

Redator-Chefe:
Rubens S. Lessa
Redator:
Naor G. Conrado

Diretor:
Arthur S. Valle

Colaborador Especial:
Salim Japas

Colaboradores:
Enoch de Oliveira
José C. Bessa
Alcides Campolongo
Pável Moura

Direção de Arte:
Erlo G. Köhler
Wilson F. de Almeida

Diagramação:
Eli Silveira Campos

Assinatura anual:
Cr\$ 180,00
US\$ 4,00

Editado bimestralmente
pela Casa Publicadora
Brasileira, Av. Pereira
Barreto, 42 —
09000 - Santo André,
São Paulo

Esta revista acha-se
registrada na DCDP do
DPF sob nº 899 — P.209/73

Todo artigo ou qualquer
correspondência
para a revista
O Ministério Adventista,
devem ser enviados para
o seguinte endereço:
760 Ponce de Leon
Boulevard, Coral Gables,
Florida 33134 U.S.A.

A Teologia da Renúncia

Soberania por Tirania

O homem, um ser criado soberano e livre, renunciou a uma soberania entregando-se a uma tirania. O homem renunciou à amorosa soberania divina, entregando-se à escravizante tirania de Satanás.

Para ser reintegrado no plano divino de salvação, este mesmo homem deve renunciar à escravizante tirania de Satanás e voltar-se para a amorosa e paternal soberania do eterno Deus.

O cristianismo é, pois, uma filosofia de renúncia, e tem por base, por fundamento, a própria renúncia. O convite para que um membro da Igreja venha a tornar-se um ministro ou pregador exige uma renúncia bem maior.

A Primeira Renúncia

"Então disse Jesus a Seus discípulos: Se alguém quiser vir após Mim, *renuncie-se a si mesmo*, tome sobre si a sua cruz e siga-Me."¹

A primeira renúncia é a renúncia de si mesmo. Um ministro deixa de ter vontade própria; a vontade de Cristo passa a ser a vontade do ministro. "Mas nós — diz Paulo — temos a mente de Cristo."²

Tendo a mente de Cristo, possuindo a mente de Cristo, o ministro passa a pensar como Cristo pensa, passa a amar como Cristo ama, passa a orar como Cristo orou. Perdoa como Ele perdoou, e trabalha como Ele trabalhou. De Jesus se diz o seguinte: "*Tão plenamente estava Cristo submetido à vontade de Deus, que unicamente o Pai aparecia em Sua vida.*"³

Aí estava e nisso consistia o segredo da vida vitoriosa de nosso Senhor. Uma renúncia completa, uma entrega total. Quando tinha de tomar importantes decisões, Jesus dizia: "Seja feita a Tua vontade"; "Faça-se a Tua vontade"; "Porque Eu desci do Céu não para fazer a Minha vontade, mas a vontade do Pai que Me enviou."⁴ Era uma submissão tão plena que somente a vontade do Pai aparecia. Uma renúncia que não dava lugar, não dava oportunidade à busca da vontade própria.

Quando como ministros vivermos a teologia da renúncia, quando renunciarmos como Ele renunciou, então poderemos dizer: "*Vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim.*"⁵

Existe dentro de cada um de nós um

José Bessa

perverso e pecaminoso tirano chamado *Eu*, sempre clamando por atenção, e é a este tirano que devemos renunciar. A renúncia deve ser tão plena, a submissão deve ser tão completa, que apenas e somente Cristo apareça na vida do ministro.

Os sermões mais difíceis de pregar são os que falam de renúncia e abnegação. Torna-se difícil pregá-los porque é difícil vivê-los. Viu a serva de Deus o seguinte: "Sob o cabeçalho geral de egoísmo, vinha uma legião de pecados."⁶ Disse Satanás: "Eu subirei ao Céu"; "Eu serei semelhante ao Altíssimo"; "Eu exaltarei o meu trono."⁷ A renúncia é a pedra de esquina do edifício do caráter cristão.

A *primeira renúncia*: "Se alguém quiser vir após Mim, *negue-se a si mesmo*, tome a sua cruz e siga-Me."⁸ O chamado para o santo ministério é feito com base na renúncia. É feito com base em "negar-se a si mesmo".

Negar-se a si mesmo é ocultar-se, é esconder-se. "Porque já estais mortos, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus."⁹ Um ministro escondido com Cristo em Deus é só Cristo aparecendo, é só o Pai aparecendo, é só o Espírito Santo falando. *Negar-se a si mesmo* é esconder-se, é ocultar-se. "E Ele morreu por todos, para que os que vivem, *não vivam mais para si*, mas para Aquele que por eles morreu e ressuscitou."¹⁰ Um ministro que *não vive para si* é uma glória para a Igreja. "Para mim o viver é Cristo."¹¹ "Vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou, e Se entregou a Si mesmo por mim."¹²

Negar-se é tomar posição contra si mesmo, contra o eu. É tratar-se como a um desconhecido, sem que isto signifique ódio contra si. É descrita aqui a mentalidade semita. Quando se apresenta um valor maior, o valor secundário é reduzido a nada. Jesus é o valor maior, a pérola de grande preço. O próprio eu é o valor secundário. Ele é negado, é reduzido a nada, para que apenas Cristo apareça na vida do ministro. A abnegação, a renúncia, o negar-se a si mesmo, longe de ser um ato de autodestruição irracional e a perda da personalidade e da vontade, é um ato de supremo amor para consigo mesmo. É um ato de máxima significação e valorização da personalidade huma-

**De Coração
a Coração**

na. "Vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim." Então passamos a refletir a imagem de Deus.

"A entrega do próprio eu é a essência dos ensinamentos de Cristo."¹³

Certa vez o grande compositor Rubinstein estava tocando piano para um grupo de músicos. Quando começaram a aplaudi-lo, ele parou e disse: "Amigos, não aplaudam. Vossos aplausos levam-me a voltar-me para mim mesmo e desviam minha atenção da música." Infelizes aqueles que passam o tempo concentrados em si mesmos!

Somos Chamados a Renunciar

As maiores contribuições para a História e para a Igreja foram realizadas por homens que tiveram a grandeza de renunciar. Eles renunciaram a si mesmos. Quando Cristo chama, nada é maior que o chamado. Cristo honra aos que dizem "Não" à fama e à fortuna. Se Saulo de Tarso houvesse permanecido um fariseu orgulhoso e beato, seria de duvidar que a História tivesse recordado o seu nome. No entanto, quando voltou as costas aos desejos e ambições, decidindo servir a Deus e proclamar o evangelho de salvação por Cristo, foi chamado "o grande apóstolo dos gentios", deixando um registro de ministério cristão tão grandioso, que foi superado apenas pelo ministério do próprio Cristo. O Senhor deseja sacrifícios vivos. Apresentai "os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional."¹⁴

Nosso Deus não tem interesse em doações posteriores à morte, como os que doam seu corpo à ciência médica. O Senhor não é ave de rapina para que Lhe entreguemos carcaças. O Senhor não está procurando homens e mulheres que Lhe dêem escassas noites ou alguns fins-de-semana ou alguns dos anos alquebrados de uma aposentadoria.

Nada menos que a submissão incondicional poderia ser uma adequada resposta ao sacrifício de Cristo no Calvário. Tão admirável e divino amor jamais poderia satisfazer-se com menos que nosso tempo, nossos talentos, nossos bens e todo o nosso ser. Quando os homens entregam o coração a Deus e a vida a Seu serviço, eles avançam mais rapidamente do que os que vivem para a ambição egoísta.

Renúncia e Cruz

Negar simplesmente ao próprio eu, sem seguir o resto das instruções do Mestre, daria origem a uma vida ne-

"Então disse Jesus a Seus discípulos: Se alguém quiser vir após Mim, renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz e siga-Me."

gativa e infrutífera. Por isso Ele disse: "Tome cada dia a sua cruz, e siga-Me."

Os assírios inventaram a cruz como instrumento de tortura. Morrer numa cruz era cruel e bárbaro, não só pelo sofrimento, mas também pela prolongada agonia. Dizia-se que morrer numa cruz era morrer mil vezes. Para os cristãos, a cruz se tornou um símbolo de glória. Proclamar a cruz e a salvação ali conquistadas é prestar serviço dos mais dignificantes.

As medalhas que mais honra conferem têm a forma de uma cruz. Aqui no Brasil, temos a ordem do Cruzeiro do Sul. No serviço militar americano, a medalha de distinção apresenta uma águia, um rolo com uma inscrição e uma cruz. A França tem a cruz de guerra, e a Alemanha, a cruz de ferro. O heroísmo é exaltado e condecorado quase sempre com uma cruz. A maior organização humanitária do mundo colocou uma cruz vermelha em sua bandeira mundial. Trata-se da Cruz Vermelha Internacional.

A renúncia nos prepara para a condecoração divina. Devemos tomar a cruz e seguir ao Mestre. Ele também foi condecorado. Os seres por Ele criados deram-Lhe uma cruz como condecoração. Foi uma cruz pesada. Era pesada em extremo, porque nela estavam depositados os pecados de toda a humanidade, de todo um mundo. A cruz foi tão pesada que o condecorado Cordeiro de Deus sucumbiu ao peso físico da condecoração.

Ele se Dava aos Outros

Pouco depois da morte de Filipe Brooks, seu irmão de mais idade disse ao Dr. McVicker:

— Filipe poderia ter-se cuidado, e haveria, por certo, prolongado a vida. Outros trabalharam, porém Filipe se dava aos que o buscavam.

A resposta do Dr. McVicker foi impressionante:

— Efetivamente, Filipe poderia haver-se cuidado, mas se o tivesse feito nunca teria sido Filipe Brooks.

O maior elogio que Jesus recebeu veio dos lábios de Seus algozes. "Salvou os outros, a Si mesmo não pode salvar-Se." Ele veio para dar-Se.

A renúncia de nossa vida ao Santo Ministério deve ser completa, total, sem nenhuma reserva. Muitos nunca se entregaram completamente: não viveram em profundidade a experiência da renúncia. Judas, diz o Espírito de Profecia, "não chegou ao ponto de render-se inteiramente a Cristo. Não renunciou as suas ambições terrenas."¹⁵

É perigoso neste fim de tempo haver no seio da Igreja ministros que não fizeram total entrega, total renúncia! Judas aceitou o chamado sem renunciar-se a si mesmo. Sem haver renunciado o próprio eu, aceitou a imposição das mãos. Sem haver renunciado a si mesmo, aceitou a investidura e as boas-vindas às fileiras do santo ministério. Foi um eterno insatisfeito durante seus três anos de ministério.

O ministro deve "aprender diariamente o significado da entrega do eu."¹⁶ "Tome cada dia a sua cruz, e siga-Me."¹⁷ "Para os discípulos, Suas palavras, conquanto imperfeitamente compreendidas, indicavam que se deviam submeter à mais acerba humilhação — submeter-se mesmo à morte por amor de Cristo."¹⁸

O Homem da Cruz

A cruz é a condecoração divina aos que aceitam o chamado.

Estefano era um converso à Mensagem do Advento, e vivia no Congo. Trabalhava como operário. Logo surgiu o problema da guarda do sábado. Ele falou com seu chefe e explicou cuidadosamente a razão pela qual não podia trabalhar no sábado. O chefe mostrou-se compreensivo e condescendente, havendo, porém, um detalhe ao qual era preciso dar atenção. A firma mantinha uma lista onde eram anotadas as

Os sermões mais difíceis de pregar são os que falam de renúncia e abnegação. Torna-se difícil pregá-los porque é difícil vivê-los.

ausências e seus motivos. Se o ausente estava doente, o sinal era de um tipo. Se por motivos particulares, o sinal era outro. A ausência de Estefano, por motivos religiosos, os deixou perplexos. Que sinal seria posto cada sábado ao lado de seu nome?! O chefe meditou um pouco, e depois seu semblante iluminou-se ao dizer ele:

— Coloque uma cruz ao lado do nome de Estefano. *Ele é um homem da cruz.*

Que formoso tributo: um homem da cruz!

Qualquer de nós que não renuncia a si mesmo, não pode ser discípulo de Cristo. ■

Bibliografia

1. S. Mateus 16:24.
2. I Coríntios 2:16.
3. *O Desejado de Todas as Nações*, ed. popular, pág. 372.
4. S. Mateus 6:10; 26:42; S. João 6:38; 5:30.
5. Gálatas 2:20.
6. *Testemunhos Seletos*, vol. 1, pág. 518.
7. Isaías 14:13 e 14.
8. S. Marcos 9:34.
9. Colossenses 3:3.
10. II Coríntios 5:15.
11. Filipenses 1:21.
12. Gálatas 2:20.
13. *O Desejado de Todas as Nações*, ed. popular, pág. 500.
14. Romanos 12:1.
15. *O Desejado de Todas as Nações*, ed. popular, pág. 686.
16. *Atos dos Apóstolos*, pág. 483.
17. S. Lucas 9:23.
18. *O Desejado de Todas as Nações*, ed. popular, pág. 404.

Tornando Evangelístico o Plano de Cinco Dias

Há alguns anos, depois de muita oração e estudo, solicitei que a Associação de Potomac me dispensasse de meu pastorado. Eu não estava em desavença com minha igreja, nem estava deixando o ministério. Desejava ir a uma região da Associação em que não havia nenhuma igreja adventista e procurar fundar uma nova congregação, usando o Plano de Cinco Dias Para Deixar de Fumar como meio de evangelismo.

Durante anos eu dirigira planos de cinco dias, sentindo às vezes que era lamentável ver os graduados, tão receptivos no fim do curso, serem "abandonados" depois que se passavam esses cinco dias. Parecia ser um trágico desperdício estabelecer uma relação tão

Hollis W. Wolcott
Pastor da Igreja
Adventista do
Sétimo Dia de
Williamsburg,
Virgínia, EE. UU.

favorável com essas pessoas, deixando então de envidar constantes e esmerados esforços para introduzi-las em outros setores de serviço proporcionados pela Igreja Adventista, incluindo sua mensagem espiritual.

Algumas semanas após o meu pedido, a mesa administrativa da associação autorizou-me a levar avante o projeto, sugerindo que eu fosse para Williamsburg, Virgínia, onde havia quatro casais adventistas, mas nenhuma igreja num raio de mais de cinquenta quilômetros de cada lado. Expus os meus planos a esse pequeno grupo, e eles concordaram em ajudar. Descobrimos que o administrador do hospital local, tendo deixado de fumar mediante o Pla-

Evangelismo

no de Cinco Dias realizado noutra cidade, há uns cinco anos, estava disposto a patrocinar o programa em Williamsburg. No dia 15 de novembro de 1976 iniciamos nossa primeira sessão na sala de jantar do hospital.

Eu elaborara meticulosos planos para contínuo atendimento dos que freqüentassem o curso. No entanto, logo descobri profunda suspeita de toda tentativa conducente a assuntos ou estudos espirituais. Era necessário enfrentar esta situação antes que pudesse haver algum progresso. Agora, após diversos anos de planos de cinco dias mensais e numerosas adaptações, Deus me conduziu a um programa que surte efeito para mim e tem resultado em batismos.

Duas semanas antes do início do Plano de Cinco Dias, submeto um relato a todos os jornais e estações de rádio e TV da região, anunciando o programa. Menciono nesse relato que grande parte do êxito do plano deve-se a um extenso programa de reforço que abrange telefonemas, fitas-cassete especialmente preparadas, filmes e visitação pessoal. Assim, os participantes aguardam o reforço como parte integrante do programa. O noticiário declara que as pessoas podem telefonar para minha residência, reservando lugares com antecedência, ou podem chegar quinze minutos mais cedo na noite de abertura e inscrever-se. Cerca de metade dos que farão o curso reservarão lugares com antecedência, e assim podemos calcular quantos virão ao todo. A propaganda identifica claramente o programa como sendo apresentado pela igreja adventista local, em cooperação com o hospital local, a Associação Pulmonar do Estado de Virgínia, a Sociedad Americana do Câncer e a Associação Americana do Coração. Estas organizações nos deram permissão para citá-las como patrocinadoras.

Dirigimos as reuniões quase inteiramente da maneira regular, com algumas inovações para amenizar a transição para o programa de reforço. Somos sinceros e francos em tudo que fazemos; nada é imposto a quem quer que seja, nem procuramos subestimar as ilações espirituais do programa.

Primeira Reunião

Na primeira reunião cada um dos participantes recebe uma etiqueta na qual deve escrever apenas seu primeiro nome. Eu fico em pé junto à porta e sou o primeiro a cumprimentar cada indivíduo. Entrego-lhes o meu cartão de visitas com a observação: "Talvez necessite disto mais tarde." Após os

Durante anos eu dirigira planos de cinco dias, sentindo às vezes que era lamentável ver os graduados, tão receptivos no fim do curso, serem "abandonados" depois que se passavam esses cinco dias.

preâmbulos costumeiros, explico que só usaremos o primeiro nome de cada um, a fim de tornar as reuniões mais descerimoniosas. Procuo lembrar-me de quatro ou cinco nomes, de modo que possa chamá-los e solicitar respostas específicas de sua parte, naquela própria noite. Antes da segunda noite, faço uma lista de todos os primeiros nomes que constam nos formulários de inscrição e usarei cada um desses nomes antes que terminem as cinco reuniões. Isto me proporciona uma comunicação com cada indivíduo.

A seguir, apresento o que será meu tema através de toda a série: Solicitude para com eles. Digo-lhes: "Quase todos os programas para deixar de fumar são motivados pela insígnia do dólar: alguém procurando ganhar com facilidade algum dinheiro com o vosso apego aos cigarros. Noteis que nada é cobrado por este programa. Este plano não é voltado para o dinheiro, mas promana de profunda solicitude por nossos semelhantes e do desejo de ajudá-los."

Um grande cartaz de um cigarro com quatro flechas: duas de cada lado, ilustra nosso quádruplo ataque: psicológico, físico, habitual e espiritual. Como ministro, não apresento desculpas pela parte espiritual, assegurando ao grupo que quase todo o seu êxito deve provir de um poder fora deles mesmos.

Usamos dois incentivos e explicamos as razões para isso. O primeiro é o grande distintivo: "Resolvi não fumar." Pedimos que os ouvintes usem este distintivo sempre que saíam de casa. "Quando as pessoas notam que estais usando este distintivo — declaro ao grupo — é difícil terdes também um cigarro entre os dedos!" O segundo é uma mensagem impressa no verso do meu cartão de visitas: "Amigo, você pode *deixar de fumar* em apenas cinco dias — *Gratuitamente!* Para obter informações, disque o número no outro lado do cartão." Peço que cada participante leve pelo menos dez destes cartões e os entregue, com a mensagem voltada para cima, a outros fumantes com quem se encontrar. Eles perceberão com facilidade que é difícil fumar enquanto se estiver batalhando contra o fumo. O cartão os ajuda a deixar de fumar e estimula outros a fazerem a mesma coisa.

No fim da primeira reunião cito uma promessa bíblica de força para vencer, e digo então: "Como ministro do evangelho, creio no poder da oração. Sem dúvida alguns dos que estão aqui hoje à noite partilham desta crença. A reunião está encerrada; se, porém, quiser-

des assistir à oração final, que se seguirá imediatamente, permaneço em vossos lugares. Os demais podem retirar-se agora." Ainda estou para ver alguém retirar-se antes da oração. Uma vez que o grupo indicou este desejo, termino automaticamente com uma oração as quatro outras reuniões noturnas.

Revisamos o formulário de inscrição de modo que pudesse conter o endereço da residência de cada pessoa, bem como o número do telefone de seu local de trabalho. Além do telefonema do parceiro, eu também telefono diariamente para cada uma delas.

Segunda Reunião

Na segunda noite, junto com outra literatura, pomos à disposição dos presentes o livro *Vossos Amigos, os Adventistas*. Chamo a atenção para ele dizendo: "Talvez alguns de vós não estejam familiarizados com os adventistas. Caso sejais curiosos, tenho este livrinho para vós esta noite." Eles se apressam a obtê-lo!

Nessa noite eu uso a "parte da solicitude" para falar sobre S. Lucas 4:16-18, comentando que Jesus passava mais tempo ministrando às necessidades físicas das pessoas do que cuidando de seu bem-estar espiritual. E acrescento: "Nós adventistas do sétimo dia procuramos seguir este exemplo." Ao mencionar a Obra Médica e de Assistência Social Adventista no mundo todo, distribuo um informe da Recolta. (No ano passado enviei a todos os graduados do ano um informe atual da Recolta e sugeri que prestassem o seu auxílio. A reação foi boa.)

Terceira Reunião

A "parte da solicitude", na terceira noite, versa sobre S. Mateus 25:34-36. Declaro: "Evidentemente, Deus observa o interesse das pessoas nas necessidades materiais dos outros, pois nossa recompensa ou castigo futuro baseia-se, pelo menos parcialmente, na solicitude que manifestamos nesta vida. Naturalmente, esta solicitude deve ser uma amorosa resposta ao amor de Deus por nós, e não um meio de procurar obter a salvação."

Enquanto estiver sendo distribuído o material de controle no fim dessa reunião, chamo a atenção para um pequeno envelope marrom incluído no material, dizendo: "Na última noite do plano, estaremos recebendo um donativo espontâneo para a compra de literatura e filmes e para a cobertura de outras despesas. O programa que ora

Um grande cartaz de um cigarro com quatro flechas: duas de cada lado, ilustra nosso quádruplo ataque: psicológico, físico, habitual e espiritual.

O cartão os ajuda a deixar de fumar e estimular outros a fazerem a mesma coisa.

desfrutais tornou-se possível pelas doações dos que vos precederam. O programa é gratuito; mas, se puderdes ajudar-nos a ajudar a outros, ficaremos agradecidos. Na última noite também serviremos refrescos, incluindo um sucedâneo do café, pão de fabricação caseira e alguns pratos vegetarianos. Trazei vosso cônjuge e família. O filme a ser passado naquela noite mostrará o efeito do hábito de fumar sobre os não-fumantes. Assim, se alguns de vossos parentes e amigos que não fumam puderem estar presentes para ver esse filme, eles ajudarão a fazer pressão sobre vós para que vos mantenhais afastados do cigarro."

Quarta Reunião

Na quarta noite nosso ponto de "solicitude" tem que ver com o amor. Uso S. João 3:16 para mostrar que o amor constitui realmente o profundo interesse de Deus em nosso bem-estar total, e S. João 13:35 para mostrar que nós também devemos manifestar tal interesse uns pelos outros.

Agora vem o momento mais importante. "Cada noite temos falado sobre nossa solicitude por vós. Mas, se nosso interesse durar apenas cinco noites e se então vos soltarmos como uma batata quente, teréis todo o direito de pensar que nossa solicitude não é genuína, não é mesmo?" Eles anuem com a cabeça, e eu continuo: "Para mostrar nossa genuína solicitude, permaneceremos ao vosso lado nas próximas semanas. Agora que deixastes de fumar, queremos ajudar-vos a *continuar assim*. Preparei três fitas-cassete — seis breves palestras — baseadas no livro *Psycho-Cybernetics*, escrito pelo Dr. Maxwell Maltz, o qual acredita que antes de podermos modificar nossos hábitos precisamos desenvolver uma nova concepção pessoal. Adaptei seus conceitos ao hábito de fumar para ajudar-vos ao começardes a prosseguir sozinhos em vossa nova liberdade. Amanhã à noite levareis para casa a primeira fita, e telefonarei diariamente para cada um de vós na próxima semana. Quando estiverdes preparados para a próxima fita, eu a entregarei e recolherei a primeira fita. Não estou interessado em ver onde residis, mas estou muito interessado em ver como estais passando e, se possível, ajudar-vos em vossa batalha contra o hábito de fumar. Dar-se-á a mesma coisa com a terceira fita. Como vedes, realmente nos apraz percorrer a segunda milha para auxiliar-vos e mostrar que de fato nos interessamos por vós."

Além de proporcionar ajuda na luta contra o hábito de fumar, essas fitas me permitem visitar os lares, onde os indivíduos freqüentemente me expõem os seus problemas e onde posso orar pessoalmente por suas necessidades.

Quinta Reunião

O ponto de "solicitude" na última noite baseia-se em Gálatas 6:2: "Levai as cargas uns dos outros" — e como temos procurado fazer isto. No fim damos a cada pessoa um cartão em que são mencionados outros aspectos relacionados com a saúde oferecidos por nós, e pedimos que elas assinalem os itens nos quais têm algum interesse. O último item diz o seguinte: "Inclua o meu nome em vossa lista de oração."

Usamos o plano *buffet* para nosso jantar na noite de encerramento, em vez de uma refeição mais cerimoniosa. Esta medida possibilita que eu vá de mesa em mesa, obtendo a reação das pessoas ao alimento, bem como ao programa em geral. Eu não como nessa ocasião. Tenho que fazer algo muito mais importante.

No programa de reforço, antes de ir buscar a última fita, telefoneo e marco um encontro, falando-lhes sobre um serviço de filmes para ajudá-los a permanecer afastados dos cigarros e pedindo alguns minutos para mostrá-lo. Levo um projetor Dukane e a lição seis (sobre o viver saudável) da Série Encontro (em inglês). No fim do filme eu lhes mostro a Bíblia a ser dada de presente e as lições do curso "Encontro" e digo: "Temos notado que bem poucos que seguem este plano de estudo por meio de filmes e cassetes voltam à fumar. Certamente terá interesse neste auxílio adicional, não é mesmo?" Cerca da metade manifestam o desejo de participar deste estudo. Como resultado da genuína solicitude que lhes é demonstrada, muitos estão ansiosos de receber auxílio espiritual e físico. Temos mais pessoas que desejam estudar do que nos é possível atender. Alguns estão freqüentando a igreja e preparando-se para o batismo.

Eu elaborara meticolosos planos para contínuo atendimento dos que freqüentassem o curso.

Sugestões

Eis algumas sugestões para manter a freqüência nos planos de cinco dias realizados com certa regularidade:

1. Obter a cooperação das agremiações locais que têm que ver com os pulmões, o câncer e o coração, para que enviem recomendações.

2. Escrever uma carta a todos os médicos e dentistas da região a ser abrangida, dando informações sobre o plano e das gravações de reforço. Convém dizer-lhes que é um programa gratuito e que podem recomendá-lo a seus clientes.

3. Na última noite do plano, pedir que os graduandos entreguem cartões de propaganda a vizinhos e amigos.

4. Continuar a apresentar relatos para difusão pelos meios de comunicação.

Como este plano pode surtir efeito na situação usual de uma igreja em que o pastor obviamente não pode dedicar muito tempo aos graduados no Plano de Cinco Dias? Membros de igreja podem servir eficazmente de "conselheiros". Esses voluntários podem tomar parte no Plano de Cinco Dias, telefonando diariamente, durante o programa e no período de reforço, para os que fazem parte do seu grupo. Eles podem entregar e recolher as fitas-cassete. Esses voluntários ou outros membros de igreja podem dar os estudos bíblicos com o projetor e as lições do curso. Designar conselheiros para um grupo específico, pelo período de um ano após a participação no Plano de Cinco Dias, pagaria ricos dividendos. Comunicando-se esses membros voluntários da igreja com os componentes de seu grupo, visitando-os em seus lares, convidando-os a sua própria casa e amparando-os em seu esforço para deixar de fumar, estão expressando a contínua solicitude de que falamos mais acima. Estão labutando como o Salvador labutava pelo bem-estar físico e espiritual dos outros. Enquanto isso, outro grupo de conselheiros pode ser adestrado para o próximo Plano de Cinco Dias. Grupos de oração podem orar especialmente por esses indivíduos. Almas podem ser ganhas e a igreja pode revestir-se de novo ânimo. ■

- **Pregue um Sermão de Mordomia Cada Trimestre.**
- **Mordomia Aumenta a Fidelidade nos Dízimos e Ofertas.**
- **Mordomia Leva a Viver uma Vida Abundante.**

Cultos e Domingos

Devemos ter cultos aos domingos à noite? Qual é sua opinião? É agradável passear com a família durante esse dia, brincar com os filhos e desfrutar algo novo sem ter que preocupar-se com a pregação da noite. Por conseguinte, é muito mais cômodo manter fechadas as portas da igreja aos domingos à noite, não é mesmo?

Alguns missionários poderão considerar que os irmãos têm necessidade de estar com sua família, e que já há cultos suficientes aos sábados, quartas-feiras e nas reuniões dos jovens MV, e perguntarão indubitavelmente a si mesmos: Por que outra reunião? Como salvaguarda do aspecto econômico, sentir-se-ão inclinados a inferir: Não abrindo a igreja aos domingos, haverá menos gastos de eletricidade, menos trabalho de limpeza para o encarregado de fazê-la, e, além disso, posso deitar-me mais cedo a fim de estar bem descansado para os trabalhos da segunda-feira.

Será essa a atitude de um pregador que sente a responsabilidade da urgência de terminar a obra e o respeito pela sublime vocação como ministro de Deus, e que deve manifestar amor pelas almas que se perdem? Não! Não o creio! Um ministro dedicado e inteligente buscará todos os recursos possíveis para atrair a maior quantidade de almas, e os aplicará da maneira mais sábia para resgatá-las do pecado e conduzi-las ao Reino de Deus.

Na ânsia de obter lucros, os filhos das trevas instalam suas casas comerciais nos lugares mais concorridos, abrem-nas durante as horas de maior movimento e as adornam da melhor maneira possível, a fim de torná-las atraentes. Não se espera que os filhos da luz sejam mais sagazes que os filhos das trevas? Para Deus, uma alma vale mais que casas, terrenos e toda a riqueza acumulada da Terra.

Domingo à noite é o momento oportuno quando a maioria das pessoas está mais inclinada a buscar alguma coisa com que saciar sua sede de algo melhor. É aos domingos à noite que os cinemas estão mais cheios, os teatros mais concorridos, as praças e avenidas mais freqüentadas. Certo domingo à noite, aqui em Miraflores, Lima, passando casualmente na frente da igreja católica situada na praça central, fiquei

Henrique Berg
Presidente da
União Incaica

surpreso ao observar a quantidade de pessoas que havia na entrada, nos corredores e nas portas laterais. Detive-me para ver o que se passava. Celebrava-se a missa, e nada mais. Outro domingo à noite pude observar que, da igreja católica de Surquillo, saía da missa uma multidão tão grande que quase paralisava o trânsito. Decidi verificar se as igrejas evangélicas tinham cultos aos domingos à noite; das quatro igrejas que visitei entre as oito e as nove horas, três estavam abertas; a única fechada era a anglicana, e das três que se achavam abertas, duas tinham todos os assentos ocupados e muitas pessoas estavam em pé.

Fiquei pensando: *Que Tragédia* a dos ministros adventistas: têm a mensagem de Deus para este tempo, mas estão cedendo à tentação de cerrar as portas da igreja aos domingos à noite! Se considerarmos que a construção do templo significa uma inversão de vinte e cinco ou trinta mil dólares em infraestrutura, que se este dinheiro houvesse sido economizado e posto numa conta bancária, daria um juro a prazo fixo de 750 dólares mensais, e se considerarmos além disso o salário de um homem pago com o santo dízimo, só para pregar com o fim de ganhar almas, e... se agora observamos a igreja fechada na hora mais apropriada de toda a semana para receber as pessoas, perceberemos por que escrevi a palavra *Tragédia* em grifo.

Meu irmão no santo ministério, permitiremos que esta praga de igrejas fechadas aos domingos à noite penetre na Divisão Sul-Americana? *Não, nunca!* Levantemo-nos com coragem contra esta onda de conformismo, mornidão laodiceana e comiseração pessoal. Diz a irmã White: "O domingo pode ser empregado para desenvolver vários ramos de trabalho que muito farão em proveito do Senhor. Podem realizar-se nesse dia reuniões ao ar livre, ou em casas de família. Pode fazer-se trabalho de casa em casa. Os que escrevem, podem consagrar esse dia para redigir seus artigos. Realizem-se cultos religiosos no domingo, sempre que possível. Tornem-se essas reuniões vivamente interessantes. Cantem-se verdadeiros hinos de reavivamento, e fale-se com firmeza e poder do amor de Cristo. Fale-se acerca da temperança e da religião genuína. Deste modo aprenderéis muito acerca de como trabalhar, e alcançareis muitas almas.

“Dediquem os professores em nossas escolas o domingo a trabalhos missionários. Fui instruída de que seriam assim capazes de derrotar os propósitos do inimigo. Tomem os professores consigo os estudantes, para realizarem reuniões em favor dos que não conhecem a verdade. Deste modo realizarão muito mais do que conseguiriam de outra maneira.” — *Testemunhos Seletos*, vol. 3, pág. 396.

Medite bem no que você acaba de ler: “Reuniões vivamente interessantes”; “fale-se com firmeza e poder do amor de Cristo”; “cantem-se verdadeiros hinos de reavivamento”; “fale-se acerca da temperança e da religião genuína”; “aprendereis muito acerca de como trabalhar, e alcançareis muitas almas”; “derrotar os propósitos do inimigo”; “reuniões em favor dos que não conhecem a verdade”; “realizarão muito mais do que conseguiriam de outra maneira.”

Não resta dúvida de que se os evangelistas de êxito têm suas igrejas cheias hoje, isto se deve a que aproveitaram ontem as noites de domingo. Aprenderam a arte da pregação, pertence-lhes o batismo do Espírito Santo. Não vivem duvidando de sua vocação, nem são indecisos quanto ao futuro. E você companheiro, quer fracassar ou ter êxito?

Algumas técnicas para encher as igrejas aos domingos à noite são as seguintes:

1. Organize os programas para o domingo à noite tal como sugere a irmã White: que sejam superinteressantes para as pessoas, com temas de cristianismo prático.

2. Cada domingo deve produzir nos ouvintes irresistível interesse e curiosidade pelo próximo programa.

3. Aproveite ao máximo a surpresa, o inesperado, a curiosidade e o interesse. Siga uma seqüência de assuntos, mas deve haver sempre um programa variado. Pelo menos cada sete minutos, apresente uma surpresa, um diapositivo, um cântico, uma entrevista, algo raro e novo.

4. Aos sábados anuncie à igreja o assunto de domingo à noite. Diga aos membros de sua igreja por que Satanás não quer que as pessoas ouçam o que será apresentado no domingo à noite. Não solicite que assistam, mas somente que convidem toda a cidade para ouvir a pregação; e pregue como um Lutero!

5. Imagine previamente o auditório e tenha algo para todos: cristãos, ateus, indiferentes; jovens, anciãos, crianças,

Domingo à noite é o momento oportuno quando a maioria das pessoas está mais inclinada a buscar alguma coisa com que saciar sua sede de algo melhor.

adultos; são e enfermos; imorais e fariseus; iletrados e eruditos; pobres e ricos; pessoas da cidade ou do campo. Tenha seriedade e sorrisos; severidade e humor; e, acima de tudo, forte motivação para uma vida melhor.

6. Para as reuniões, aproveite ao máximo a publicidade: o rádio, os periódicos, cartazes, anúncios, etc. Que toda a cidade saiba que você existe e que pregará sobre determinado assunto no domingo à noite.

7. A igreja deve estar bem iluminada, tanto por dentro como por fora, com abundante luz como o sol do meio-dia. A luz atrai as pessoas.

8. Ore muito.

Se seguir estes conselhos, garante que terá êxito. Em meu primeiro distrito missionário, eu tinha dificuldade para encher a igreja aos domingos à noite, mas havia uma velhinha muito fiel que nunca faltava aos cultos. No entanto, bastava que eu começasse a falar para que ela se entregasse totalmente aos braços de Morfeu (deus do sono na mitologia grega); não sei que pregador lhe ensinou esse costume. Um dia, li que quando os ouvintes dormem, é mister despertar o pregador, e decidi fazer da irmãzinha dorminhoca o termômetro de minha pregação. Enquanto pregava para toda a congregação, sempre tinha um olho na velhinha, para não permitir que fechasse os olhos. Não podem imaginar quanto me ajudou essa irmã. Muitas vezes me fez voltar para casa derrotado, mas inventei tantas coisas para mantê-la interessada que finalmente fui vitorioso; e quando consegui mantê-la desperta durante minha pregação, a igreja estava cheia; os batismos se multiplicaram, e, conseqüentemente, tornou-se mais fácil alcançar os alvos. Ela não sabe quanto me ajudou; o presidente do Campo pensou que eu era um gênio, mas nunca soube o que aquela anciã havia significado para mim.

Prezado irmão pregador, não seja um fracassado; pense, ajoelhe-se, abra as portas de sua igreja aos domingos à noite. Convide as multidões a ouvi-lo! Por que pregar para cem se pode fazê-lo para mil? Siga o conselho do Espírito de Profecia. Que o Senhor, o cumule de bênçãos! ■

■ *Mordomia Motiva Corretamente a Igreja*

■ *Mordomia é uma Bênção Para a Igreja*

■ *Mordomia Enriquece e Eleva a Vida*

Autoridade na Igreja

O propósito da primeira vinda de Cristo foi restabelecer a autoridade de Deus no planeta rebelde. A Igreja de Deus na Terra é simplesmente uma extensão do reino, uma colônia do Céu. Ellen White descreve a Igreja dizendo que ela é a "própria fortaleza" de Deus "que Ele mantém num mundo revolto e ferido pelo pecado; e é decisão Sua que nenhuma autoridade seja nela conhecida, nenhuma lei por ela seja reconhecida senão a Sua própria" (*Testemunhos Para Ministros*, pág. 16).

O Filho demonstrou Seu poder para agir estabelecendo uma comunidade e dotando-a de autoridade. "Sobre esta pedra edificarei a Minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Dar-te-ei as chaves do reino dos Céus: o que ligares na Terra, terá sido ligado nos Céus; e o que desligares na Terra, terá sido desligado nos Céus." S. Mat. 16:18 e 19.

A Igreja de Deus na Terra é, portanto, o centro da autoridade espiritual. É aí que o Supremo Portador de Autoridade tem a Sua residência. "Porque onde estiverem dois ou três reunidos em Meu nome, ali estou no meio deles." Cap. 18:20. O que faz da Igreja o que ela é, diz P. T. Forsyth, não é "Cristo como seu Fundador, e, sim, como seu Ocupante, como sua Vida, como seu Poder — Cristo vivendo na fé de seus membros em geral e de seus ministros em particular." — *Positive Preaching and The Modern Mind*, pág. 63.

A Congregação Local

A congregação local é a manifestação mais visível do corpo de Cristo, e a igreja reunida num lugar específico é a depositária da autoridade. A igreja local é a unidade fundamental, o bloco de construção, a célula vital. É aí que ocorre a renovação, os dons são exercidos e desenvolvidos, a vontade de Deus se torna conhecida e os santos são nutridos, confortados, disciplinados e corrigidos. Aí os crentes experimentam santificação progressiva ao avançarem para a consumação dos séculos. "A congregação local não é menos a Igreja do que todo o conjunto de congregações." — *The Westminster Dictionary of Church History*, pág. 194.

Ellen White salienta que "à igreja foi conferido o poder de agir em lugar

C. E. Bradford
Vice-presidente da
Associação Geral
Para a América
do Norte

de Cristo" (*Obreiros Evangélicos*, pág. 501). Esta autoridade, procedente de Jesus Cristo, não é conferida a indivíduos para ser exercida particularmente.

"Toda a autoridade Me foi dada no Céu e na Terra", declara o Salvador (S. Mat. 28:18). Mas a autoridade que Ele assim confere à igreja nunca é exercida independentemente dEle.

"Sem Mim nada podeis fazer." S. João 15:5. "Porque eu recebi do Senhor o que também vos entreguei." I Cor. 11:23. Esta autoridade é exercida em pregar, ensinar e administrar a disciplina em nome de Cristo. "Tudo quanto a igreja fizer de acordo com as direções dadas na Palavra de Deus será sancionado no Céu." — *Idem*, pág. 502.

Grande é, portanto, a autoridade da congregação — a igreja reunida. Um exemplo clássico é o papel da Igreja — por meio de seus membros — na experiência da conversão de Saulo. O futuro apóstolo ao mundo, já escolhido para ser o maior instrutor depois do próprio Mestre, recebeu a ordem: "Levanta-te, e entra na cidade, onde te dirão o que te convém fazer." Atos 9:6.

Embora Saulo houvesse sido posto em contato direto com Cristo, o Senhor, encaminhou-o a Sua Igreja para que aprendesse a vontade de Deus a seu respeito. O Senhor não passa por alto a autoridade que Ele mesmo outorgou a Sua Igreja.

Ellen White explica a razão para isso: "A maravilhosa luz que iluminara as trevas de Saulo era obra do Senhor; mas havia também um trabalho a ser feito em favor dele pelos discípulos. Cristo tinha realizado a obra de revelação e convicção; agora o penitente estava em condições de aprender daqueles a quem o Senhor tinha ordenado que ensinassem a Sua verdade. . . . Desta maneira deu Jesus sanção à autoridade de Sua igreja organizada, e pôs Saulo em contato com Seus instrumentos apontados na Terra. Cristo tinha agora uma igreja como Sua representante na Terra, e a ela pertencia a obra de dirigir os pecadores arrependidos no caminho da vida." — *Atos dos Apóstolos*, págs. 120-122.

Estar em harmonia com a autoridade de Cristo é, portanto, submeter-se à autoridade de Sua Igreja. Em sentido real, a Igreja pode, pois, ser considerada como o porto de entrada ao reino de Deus.

Igreja

Função das Igrejas do Novo Testamento

O relato do Novo Testamento indica que aqueles que o Mestre deixou atrás de Si para dirigir e fortalecer Sua obra reconheciam a autoridade espiritual atribuída a Sua Igreja. Notamos que as igrejas locais exerciam as mais elevadas funções eclesiásticas.

Controle da Qualidade de Membro.

— Mesmo antes de Seu retorno ao Céu, o Salvador, por antecipação, depositou sobre a Igreja a ação final na esfera da disciplina espiritual. (Ver S. Mat. 18:17.) O apóstolo Paulo repreendeu os membros de Corinto por recorrerem a tribunais de descrentes para resolver disputas entre os membros, perguntando-lhes um tanto contundentemente por que eram incapazes de julgar casos triviais, quando esperavam julgar o próprio mundo! (Ver I Cor. 6:1-8.) Ele exortou a igreja a tomar pronta e decidida ação contra alguém que difamara a igreja por motivo de crassa imoralidade. (Ver Cap. 5:1-5.) É interessante notar que Paulo recomendou que esse julgamento devia ser efetuado "reunidos vós e o meu espírito, com o poder de Jesus, nosso Senhor" (V. 4). Assim, a autoridade da igreja não é uma responsabilidade a ser assumida por membros individuais, mas um julgamento a que se chega mediante consulta à congregação reunida. Mais tarde, referindo-se a esse caso, o apóstolo indicou que a resolução foi tomada pela maioria; ele aconselhou que houvesse reintegração (ver II Cor. 2:6 e 7). Deste modo é claramente ilustrada a autoridade da congregação local nos tempos do Novo Testamento.

Escolha de Oficiais. Tais passagens como Atos 6:3-6; 15:22; I Coríntios 16:3 e Filipenses 2:25 demonstram que as igrejas locais assumiam a responsabilidade de nomear seus próprios oficiais e outros servidores. É verdade que em outros textos (Atos 14:23; Tito 1:5) se declara que Paulo e Barnabé "elegeram" anciãos nas igrejas levantadas por eles. No entanto, segundo a *International Bible Encyclopedia*, alguns eruditos acham que os anciãos "eleitos" pelos apóstolos foram primeiro eleitos pela congregação local. Eles salientam que a palavra traduzida por "constituídes" em Tito 1:5 pode ser interpretada como denotando ordenação, de preferência a escolha.

Agremiação de Congregações

À medida que a obra foi crescendo, tornou-se necessária a organização em 12 MAIO-JUNHO

Ellen White salienta que "à igreja foi conferido o poder de agir em lugar de Cristo" (Obreiros Evangélicos, pág. 501).

escala mais ampla para que a Igreja avançasse unida. Mesmo nos tempos do Novo Testamento as igrejas estabeleceram relações cooperantes. Um exemplo dessa cooperação entre as igrejas se encontra em Romanos 15:26 e 27, onde Paulo diz que todas as igrejas fizeram contribuições para os pobres em Jerusalém. O conceito de agremiação também se evidencia nas saudações usadas por escritores do Novo Testamento. Paulo escreveu "às igrejas da Galácia" (Gál. 1:2), uma grande província romana. Pedro escreveu aos "forasteiros da Dispersão, no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia, e Bitínia" (I S. Pedro 1:1), uma área geográfica maior ainda. Tiago escreveu simplesmente "às doze tribos que se encontram na Dispersão" (S. Tiago 1:1), o que abrangia os cristãos em toda parte.

Embora cada igreja local estivesse investida de grande autoridade, os apóstolos lembravam-lhes constantemente que elas não eram unidades isoladas, porém mantinham certa relação umas com as outras e com o que mais tarde passou a denominar-se "a Igreja universal".

À medida que se alastrava a Palavra e se multiplicavam as igrejas — começando de Jerusalém, estendendo-se depois à Judéia e Samaria e finalmente aos confins da Terra — preservou-se a unidade de fé e ação. Esse movimento não devia ser um acervo de igrejas desconexas, espalhadas por todo o mundo, mas a mesma Igreja manifestada em muitos lugares. O corpo de Cristo devia ser um só, com muitos membros transcendendo todas as barreiras e linhas divisórias.

Estrutura Administrativa

A autoridade que Cristo conferiu a Sua Igreja tem sido transmitida desde os dias do Novo Testamento até o presente. Os vários níveis da estrutura da Igreja (Associação, União, Divisão, Associação Geral) obtêm sua autoridade das congregações locais. Sua existência só é legitimada por sua relevância e serviço para a corporação total. Neste caso, a autoridade flui para cima, não para baixo; ela é concedida, não imposta. Falando do sistema de governo representativo usado pela Igreja Adventista do Sétimo Dia, Ellen White afirmou que "por meio desse sistema, cada Associação, instituição, igreja e pessoa, quer diretamente quer por meio de representantes, participa da eleição dos homens que assumem as responsabilidades principais na Associação Geral" (*Testemunhos Seletos*, vol. 3, pág. 241).

O Concílio de Jerusalém é o primeiro caso de um concílio geral da Igreja de que há menção. O motivo foi uma divergência de opinião a respeito do plano de ação da Igreja. É digno de nota que esse concílio foi uma assembléia formada de representantes ou delegados. "O concílio que decidiu este caso era composto dos apóstolos e mestres que se haviam salientado no trabalho de levantar igrejas cristãs judaicas e gentias, juntamente com delegados escolhidos de vários lugares. Estavam presentes anciãos de Jerusalém e delegados de Antioquia, e as igrejas mais influentes estavam representadas." — *Atos dos Apóstolos*, pág. 196.

Toda a Igreja se achava envolvida por meio dos representantes que tinham sido enviados. Ellen White continua: "Não foram convocados todos os crentes para votarem sobre a questão. Os 'apóstolos e anciãos', homens de influência e bom senso, redigiram e expediram o decreto, que foi logo aceito pelas igrejas cristãs." — *Ibidem*.

O uso da autoridade era colegiado e fraternal, não arbitrário. Os apóstolos podiam dizer: "Pareceu bem . . . não vos impor maior encargo além destas coisas essenciais." Atos 15:28. A autoridade produz melhor efeito dentro do âmbito do governo eclesiástico representativo, onde os delegados e líderes escolhidos pela igreja se reúnem como iguais e como cooperadores de Deus.

As recomendações do Concílio de Jerusalém foram poucas. Afigura-se que os apóstolos as reduziram deliberadamente ao mínimo possível. Eles mantinham a Palavra de Deus continuamente diante dos crentes como a autoridade suprema e como a autêntica base de sua autoridade. Como resultado, surgiu nos tempos do Novo Testamento o que pode ser chamado de

Estar em harmonia com a autoridade de Cristo é, portanto, submeter-se à autoridade de Sua Igreja.

Igreja multiforme, rica e variada. Alguns desejavam observar a lei cerimonial e até praticar a circuncisão. Outros não sentiam obrigação alguma de observar a lei de Moisés. Todos reconheciam, porém, a necessidade de obedecer pela fé à verdade evangélica. Os apóstolos não se sentiam ameaçados por essa variedade na Igreja; estavam bem conscientes de que o Espírito Santo era o administrador supremo e que Ele habitava na Igreja universal. Não havia desejo de estrita uniformidade.

Autoridade Apostólica

A proclamação do evangelho, as boas-novas da salvadora graça de Deus, é o mais importante emprego da autoridade eclesiástica que chegou até nós desde os tempos apostólicos. Por meio da pregação do evangelho é estendida a *exousia* de Jesus. A Igreja continua a atividade salvadora de seu Senhor, e, logicamente, os pregadores do evangelho estão na vanguarda desta atividade. Como efeito, os homens incumbidos de pregar o evangelho de maneira especial são Seus embaixadores com autoridade para falar e agir em Seu lugar. (Ver II Cor. 5:20.) Os modernos portadores dessa autoridade precisam estar intimamente associados com o Salvador ressurrecto, o qual lhes dá essa *exousia* em que eles trabalham.

Quando a Igreja militante se apodera plenamente de seu poder, ela sairá conquistando e para conquistar, implantando a bandeira do Senhor até mesmo no meio do acampamento do inimigo. Um território após o outro será tomado para o Mestre. A Terra se encherá da glória de Deus, como as águas cobrem o mar, e a *exousia* de Deus e de Cristo não será contestada em parte alguma deste planeta rebelde.

Ministrando aos Solteiros

O ministério eficaz pelos adultos solitários — viúvos, divorciados ou pessoas que nunca se casaram — é um dos mais penosos desafios que a Igreja enfrenta hoje em dia. Embora as atividades relacionadas com a igreja absorvam a atenção de jovens, crianças, famílias, jovens casais e outros grupos de interesses especiais, as pessoas solitárias comumente se encontram na periferia da vida da igreja. Muitas e

Noel Cameron
Gardner

**Obra
Pastoral**

belas vidas ficam sem nutrição, e o corpo de Cristo é gravemente mutilado.

Para atender às necessidades dos solteiros, o ministro precisa compreender quais são essas necessidades. Precisa compreender as pressões enfrentadas pelos adultos solitários. E precisa entender a perspectiva bíblica do estado das pessoas que vivem sozinhas.

Consideremos o dilema do adulto que vive sozinho. Ele ou ela se sente

isolado e, com freqüência, acha que é desprezado pela igreja, por diversas razões. Em primeiro lugar, a própria condição em que se encontra amiúde produz insegurança que lhe torna difícil salientar as profundas e variegadas necessidades das pessoas solitárias. Além disso, a pessoa solitária está intensamente ciente de uma aparente perspectiva da igreja que parece indicar que o êxito e a realização na vida, e até mesmo a normalidade como pessoas, se encontram unicamente no casamento. O cristianismo freqüentemente é encarado como algo relacionado com a família. Assim, a pessoa que vive sozinha tem dificuldade em identificar-se plenamente com a vida da igreja.

Em segundo lugar, a Igreja está voltada para os casais e as famílias, especialmente em seu companheirismo social. Quantas vezes têm as igrejas, inoportunamente, planejado jantares, atividades de fim de semana ou reuniões sociais para casais e famílias, sem a menor consideração aos membros que vivem sozinhos, os quais ficaram à margem da atividade ou a evitaram completamente, com o coração solitário e pesaroso, porque realmente se acham fora de lugar! Inconscientemente, a Igreja muitas vezes tem modelado sua vida de modo a inibir o envolvimento dos que vivem sozinhos, negligenciando assim necessidades deveras importantes.

Nalguns lugares, têm-se formado organizações para adultos solteiros, a fim de satisfazer às necessidades que a Igreja não quis ou não pôde satisfazer. Infelizmente, esses grupos com freqüência desenvolvem a imagem pública de serviços de encontros. A inferência é outra vez que a realização se baseia no casamento. Se o estado de solteiro é a temível doença da vida, então o casamento é indubitavelmente a cura. Não admira que os solteiros se afastem da vida, desiludidos por não haverem encontrado o prometido cântaro de ouro no fim da nave da igreja. Devido a sua imagem de serviços de encontros, organizações para solteiros enfrentam tremenda pressão sob a forma de ceticismo de uma grande parte da igreja, a atração de interesses não desejados e a alienação de muitas pessoas solitárias que necessitam desesperadamente do companheirismo que tais organizações poderiam ajudar a prover.

Em terceiro lugar, o pastor da igreja geralmente acha muito difícil o ministério em prol dos adultos solteiros. Visto que o ministério em favor dos solteiros quase sempre se centraliza em

As pessoas solitárias comumente se encontram na periferia da vida da igreja, e, como resultado, o corpo de Cristo é gravemente mutilado.

relações e necessidades sociais, o pastor sente o desejo de proteger-se de perigos reais ou latentes para seu ministério e reputação, e esquiva-se portanto do envolvimento no ministério pessoal em prol de adultos solteiros.

No ministério público, as atividades da igreja tendem a concentrar-se nos jovens e nas famílias ou nos solteiros como um grupo isolado. Ambas as situações separam consideravelmente a pessoa solteira do coração da igreja.

Talvez o aspecto mais grave no ministério em prol dos solteiros seja a atitude do próprio ministro. A negligência em ministrar a alguma parte do rebano constitui uma violação da sagrada vocação do ministro. O Bom Pastor deixou noventa e nove ovelhas na segurança do aprisco e foi em busca da única ovelha perdida. Semelhantemente, aos ministros foi confiada a tarefa de ministrar a *todas* as ovelhas perdidas — independentemente do estado civil.

O impacto da desaprovação da sociedade (para não mencionar a desaprovação da igreja) pode ser devastador para os solteiros. Notemos os efeitos em quatro relações fundamentais:

1. *Relação do tempo.* A pessoa solteira acha difícil viver vibrantemente no presente. Se nunca se casou, tende a sentir-se incompleta. Priva o presente de beleza por impelir relações importantes para o futuro. Se a morte rompeu seu casamento, ela vive nos domínios do passado, que jamais voltarão. A pessoa divorciada torna-se freqüentemente um prisioneiro do tempo, detida num presente fragmentado, rejeitando e deplorando um passado doloroso, e receando e evitando um futuro incerto. A vida é reduzida drasticamente em todos os sentidos, e é diminuído o seu valor.

2. *Relação humana.* A pessoa solteira se esforça por estabelecer significativas relações humanas. Quando a prioridade é o casamento, toda relação é encarada com lentes coloridas e matizadas pelo matrimônio. Mesmo conhecidos casuais são classificados como potenciais ou não-potenciais. As amizades são acumuladas de expectativas que as destituem de sua espontaneidade e fruição natural.

Amizades íntimas entre pessoas solteiras do mesmo sexo não evitadas devido ao risco de serem classificadas como homossexuais ou lésbicas. A amizade com casais também é um problema para o adulto solteiro, pois sua presença pode constituir uma ameaça si-

lenciosa. Assim, com freqüência, a solidão lhe acompanha os passos.

3. *Relação pessoal.* Notando que a oportunidade para significativas relações interpessoais é cada vez mais remota, a pessoa que vive sozinha propende a uma relação insatisfatória consigo mesma. Com a sensação de que é uma quinta roda, ela fica desgostosa consigo mesma. A dúvida e a insegurança tornam-se os seus companheiros mais íntimos.

Tais expressões jocosas como “velha solteirona” ou “solteirão confirmado” acentuam o problema. Numa espécie de profecia que se impõe a si própria, a pessoa que vive sozinha passa gradualmente a conformar-se cada vez mais com um papel que ela freqüentemente despreza. Quanto maior for a sua impressão de que o casamento é a fonte e a essência da felicidade, tanto mais acentuada se torna a sua rejeição pessoal como parte valiosa da sociedade.

4. *Relação com Deus.* A rejeição pessoal que promana da equação deturpada de que o casamento é igual a felicidade, é devastadora para a relação com Deus. A pessoa que vive sozinha tende a culpar a Deus por privá-la dessa importantíssima faceta da vida, por permitir as circunstâncias que desfizeram um casamento ou pela ausência de consortes em potencial. A religião muitas vezes é usada como analgésico espiritual e emocional. Os exercícios espirituais se tornam uma terapia evasiva, e a oração, a enunciação de comiseração pessoal.

Viver sozinho torna-se um problema quando atitudes comunitárias e pessoais deturpam as relações do indivíduo com o tempo, com os semelhantes, com sua própria pessoa e com Deus, fazendo com que se convença de que infelicidade e viver sozinho são companheiros inseparáveis.

A Perspectiva Bíblica

Que declara Deus a respeito da fonte e essência da felicidade humana?

O conceito bíblico revela que a realização na vida não advém do casamento, e, sim, de conhecer e fazer a vontade de Deus e viver em íntima comunhão com Ele, descobrindo e ocupando assim o lugar de serviço designado por Deus. O salmista declarou o seguinte a respeito do Senhor: “Tu me farás ver os caminhos da vida; na Tua presença há plenitude de alegria, na Tua destra delícias perpetuamente.” Sal. 16:11.

Jesus salientou que indivíduos realmente felizes e ditosos são os que buscam a solução divina para as suas necessidades (S. Mat. 5:3-9). Plenitude

A pessoa que vive sozinha tende a culpar a Deus por privá-la dessa importantíssima faceta da vida, por permitir as circunstâncias que desfizeram um casamento ou pela ausência de consortes em potencial.

de alegria é prometida aos que mantêm uma relação de dependência e comunicação com Deus (S. João 16:24). Amor, alegria e paz são os frutos de estar possuído do Espírito (Gál. 5:22). A felicidade provém de levar uma vida de amoroso serviço, caracterizada pela humildade de Jesus (ver S. João 13:17).

A Bíblia não diz que o casamento é a base da felicidade e do êxito. A Bíblia honra e exalta o matrimônio, o qual foi instituído pelo próprio Deus. Quando se caracteriza por princípios de amor altruísta, essa dádiva divina pode ser uma grande bênção, tornando-se virtualmente inexaurível fonte de alegria. Mas Deus jamais tencionou que o homem buscasse no casamento uma realização que só pode advir da relação com Ele.

Que dizer então do estado de solteiro? Quando Jesus salientou a natureza duradoura do contrato de casamento, restringindo a base para o divórcio, os discípulos responderam: “Se essa é a condição do homem relativamente à sua mulher, não convém casar.” S. Mat. 19:10. Eles compreenderam que o casamento talvez não seja o melhor estilo de vida para todos. Viver sozinho é melhor do que um casamento destrutivo. Permanecer solteiro pode ser realmente o melhor estilo de vida para algumas pessoas.

Notemos a significativa resposta de Jesus: “Nem todos são aptos para receber este conceito [de permanecer solteiro], mas apenas aqueles a quem é dado.” Verso 11. Ele não corrigiu a asserção dos discípulos; antes confirmou sua conclusão de que o casamento não é para todos. Mas viver sozinho também não é para todos. Destina-se àqueles que aceitarem a orientação de Deus a esse respeito. É para aqueles a quem é dado. Para o cristão, permanecer solteiro não é, portanto, um problema, mas um *dom*.

Paulo comenta: “Quero que todos os homens sejam tais como também eu sou [solteiro]; no entanto, cada um tem de Deus o seu próprio dom.” I Cor. 7:7.

Esse dom se baseia na aptidão para recebê-lo (S. Mat. 19:11), na adaptabilidade ao estado de solteiro (I Cor. 7:9) e na escolha (S. Mat. 19:12). O estado de solteiro pode ser um dom temporário — que mais tarde é substituído pelo dom do casamento — ou pode ser um ministério especial que dura a vida inteira.

Final de contas, a vida é boa e compensadora quando é vivida como um dom, e reconhecendo-se que Deus é

o Doador. Quando percebemos que Deus nos ama muito mais do que qualquer ser humano, e que aquilo que ele escolhe para nós é muito melhor do que aquilo que nós mesmos escolheríamos, aproveitamos ao máximo cada dia, como dom especial de Deus. Libertada da esmagadora responsabilidade de determinar seu próprio destino, a pessoa solteira pode aceitar alegremente o dom de Deus para hoje, confiante em que a própria submissão de sua parte resultará numa vida que é a melhor possível.

“Quando deveras acreditamos que Deus nos ama, e nos quer fazer bem, cessamos de afligir-nos a respeito do futuro. Confiaremos em Deus assim como uma criança confia em um amoroso pai. Então desaparecerão nossas turbacões e tormentos; pois nossa vontade fundir-se-á com a vontade de Deus. . . .

“Um dia sozinho nos pertence, e durante o mesmo cumpre-nos viver para Deus. Por esse dia devemos colocar na mão de Cristo, em solene serviço, todos os nossos desígnios e planos, depondo sobre Ele toda a nossa solicitude, pois tem cuidado de nós.” — Ellen G. White, *O Maior Discurso de Cristo*, pág. 101.

O conceito bíblico revela que a realização na vida não advém do casamento, e, sim, de conhecer e fazer a vontade de Deus e viver em íntima comunhão com Ele, descobrindo e ocupando assim o lugar de serviço designado por Deus.

Deus tem uma solução para o problema de viver sozinho. Quando nos entregamos a Ele, dispostos a crer tudo que Ele diz, dispostos a aceitar todo dom oferecido por Ele, e dispostos a fazer tudo que Ele requer, *sem restrição alguma*, encontraremos o manancial de alegria que nunca se esgota.

É entregando o próprio eu a Deus que recebemos o nosso dom. É aceitando o dom que obtemos significação e nova vida. “Se buscardes o Senhor e vos converterdes cada dia; se, por vossa própria escolha espiritual, fordes livres e ditosos em Deus; se, com satisfeito consentimento do coração a Seu gracioso convite, vierdes e tomardes o jugo de Cristo — o jugo da obediência e do serviço — todas as vossas murmurações emudecerão, remover-se-ão todas as vossas dificuldades, todos os desconcertantes problemas que ora vos defrontam se resolverão.” — *Ibidem*.

Conversão, não diversão ou arranjar um casamento, é a desesperada necessidade da pessoa solteira. Conversão, não diversão, deve ser o principal enfoque do ministério da Igreja em prol dos que vivem sozinhos. Conversão, nutrida por profundo companheirismo espiritual e social que una os corações despedaçados que todos nós possuímos, deve ser a prioridade de todo pastor.

Observações Sobre o Serviço da Comunhão

1. O Serviço da Comunhão é costumeiramente realizado uma vez por trimestre. Recomenda-se o décimo segundo sábado, mas o tempo exato deve ser determinado de acordo com as condições locais. Sempre que for possível, esta cerimônia deve ser realizada na hora regular do Culto Divino.

2. Só um pastor ordenado ou um ancião ordenado pode dirigir o Serviço da Comunhão. Um pastor licenciado que não tenha sido ordenado como ancião da igreja local não se acha habilitado para fazê-lo. Um diácono ordenado pode ajudar na distribuição dos emblemas, mas não pode dirigir a cerimônia.

3. O Serviço da Comunhão deve ser anunciado pelo menos com uma semana de antecedência.

4. Cumpre fazer todo o esforço para

Norval Pease

**Para
Ministros,
Anciãos
e Diáconos**

manter a duração da cerimônia dentro dos limites. Em caso algum deveria ir mais de 15 ou 20 minutos além do culto regular da igreja. Na medida do possível, convém dispensar os anúncios. Não escolher hinos muito longos para os exercícios de abertura, e evitar longas orações e longas leituras bíblicas. O sermão não deve durar mais de dez minutos, e pode muito bem versar sobre algum aspecto saliente da cerimônia. Se o ancião ou o pastor deseja proferir um sermão pormenorizado sobre a Ceia do Senhor, deve fazê-lo no sábado precedente.

5. Os diáconos e as diaconisas devem ser avisados pelo menos duas semanas antes da cerimônia, de maneira que sejam efetuados todos os preparativos. Importa ter o cuidado de que todo o equipamento esteja bem limpo e em perfeita ordem.

6. Ordem de serviço:

A. A cerimônia deve começar de acordo com o programa regular da igreja local.

B. No fim do *curto* sermão, a congregação deve separar-se silenciosamente, dirigindo-se aos locais designados para a ordenança da humildade. *Os presentes não devem ser despedidos.* O órgão ou piano deve ser tocado suavemente enquanto a congregação se retira.

C. A cerimônia da humildade deve ser dirigida de maneira ordenada, com bacias e toalhas *limpas*. Devem ser providas amplas facilidades para os participantes lavarem as mãos com sabonete e enxugarem-nas com toalhas limpas, após a cerimônia. Algumas igrejas escolhem alguém para dirigir os hinos simples cantados durante a cerimônia. Convém fazer tudo que for possível para eliminar a confusão. Os responsáveis devem cuidar de que ninguém seja passado por alto. Os visitantes e as crianças devem receber especial atenção. Também os recém-batizados e os juvenis que participam pela primeira vez.

D. A pianista ou organista deve tocar enquanto a congregação torna a reunir-se no auditório da igreja.

E. Logo que todos estiverem em seus lugares, entram os anciãos oficiantes, os diáconos e geralmente duas diaconisas, os quais se assentam da seguinte maneira: os anciãos, atrás da mesa da comunhão, e os diáconos e as diaconisas defronte deles.

F. Neste momento pode ser cantado um hino ou pode ser lida uma passagem bíblica apropriada.

G. Um dos anciãos oficiantes pede então a bênção de Deus sobre o pão. A congregação geralmente permanece sentada, com a cabeça inclinada.

H. A seguir, o ancião dirigente e seus auxiliares (outros anciãos) partem o pão. É deveras apropriado que a maior parte do pão já tenha sido quebrada em pedacinhos, antecipadamente, restando apenas algumas partes a serem quebradas. Convém ler algumas passagens bíblicas ou fazer alguns comentários apropriados durante esta parte.

I. A um dado sinal, os diáconos se levantam, e cada um deles recebe um prato contendo o pão partido. Em seguida os diáconos passam o pão à congregação, de acordo com um plano preestabelecido. Convém que os diáconos sempre segurem o prato e não

Só um pastor ordenado ou um ancião ordenado pode dirigir o Serviço da Comunhão. Um pastor licenciado que não tenha sido ordenado como ancião da igreja local não se acha habilitado para fazê-lo.

deixem que circule de mão em mão através de longas fileiras. Podem ocorrer situações muito embaraçosas se o prato não é manejado cuidadosamente.

J. Enquanto isso, pode haver música suave, leitura de passagens bíblicas ou comentários apropriados.

L. Quando os diáconos voltam, depois de servir a congregação, eles devolvem os pratos aos anciãos, os quais, por sua vez, servem os diáconos e uns aos outros.

M. Os anciãos e diáconos sentam-se, então. O ancião dirigente, com palavras apropriadas, recomendará que se participe do pão. Seguir-se-ão alguns momentos de silêncio. Convém que o ancião dirigente termine este período de silêncio com uma breve oração.

N. A maneira de proceder é mais ou menos a mesma na distribuição do vinho. Durante esta parte da cerimônia, a música é geralmente mais eficaz do que os comentários, devido ao tinir dos cálices.

O. Se possível, a igreja deve ter receptáculos para os cálices da comunhão, na parte de trás dos bancos. Se não, os cálices serão recolhidos pelos diáconos.

P. Ao hino final, bem escolhido, deve seguir-se a bênção pastoral. Se a igreja possui receptáculos para os cálices, a organista ou pianista deve começar o prelúdio para o hino final *imediatamente* após a oração depois da participação do vinho. Esta oração, por sua vez, deve seguir-se *imediatamente* à participação do vinho. Isto abafará o ruído da colocação dos cálices nos receptáculos. Se os cálices forem recolhidos pelos diáconos, a organista ou pianista deve começar o prelúdio do hino final enquanto os diáconos conduzem os recipientes através do corredor.

7. A cerimônia jamais deve denotar precipitação, mas também não deve haver pausas desairosas. O dirigente deve falar vagarosamente e com a voz bem modulada. Deve variar as passagens que lê ou cita de uma reunião para a outra. A cerimônia deve ser formal, mas não rígida. O espírito de contida alegria deve estar presente do começo ao fim.

8. O mais importante de tudo é que o dirigente da cerimônia deve *preparar-se* para esta ocasião. Sua preparação deve abranger a oração, o estudo e esmerada organização. *Lembraí-vos de que ninguém sobre a Terra já foi incumbido de desempenhar mais importante função do que a de dirigir um serviço de comunhão.*

A Teologia da Cruz

1. *Importância da morte de Cristo no Novo Testamento.*

a. No Novo Testamento dá-se mais consideração à *semana da paixão e morte* de Cristo que a qualquer outro tema. Notemos que o relato ocupa:

— 1/3 do Evangelho de S. Mateus (capítulos 21-28)

— 1/2 do Evangelho de S. João (capítulos 12-21)

— 1/3 do Evangelho de S. Marcos (capítulos 11-16)

— 1/4 do Evangelho de S. Lucas (capítulos 19-24)

b. Os últimos três dias da vida do Senhor ocupam vinte por cento do relato evangélico. Se os episódios da vida de Cristo houvessem sido considerados com a mesma minudência, teríamos um relato de umas 8.000 páginas.

2. *A encarnação é um meio para remir o pecador mediante a morte de Cristo.*

a. S. Marcos 10:45: para dar a vida (*psuje*).

b. Hebreus 2:9; 9:26: sacrifício de morte.

c. I Coríntios 15:1-3. (Cumprir notar que esta epístola foi escrita antes que os Evangelhos.)

3. *A morte de Cristo é essencial para o cristão.*

a. S. João 3:14 e 15: "Do modo por que Moisés levantou a serpente".

b. S. João 12:24; Romanos 3:25 e 26.

c. Unicamente por Sua morte poderia salvar-se o mundo. Como o grão de trigo, o Filho de Deus devia ser lançado na terra, e morrer e ser sepultado; mas tornaria a viver. "O verdadeiro resultado de Sua missão havia de ser atingido por Sua morte." — *O Desejado de Todas as Nações*, ed. popular, pág. 598.

d. Resgatados. I S. Pedro 1:18 e 19; Tito 2:14.

e. Origina-se de "desatar" ou deixar ir em liberdade os presos, pagando um resgate. Denota um "resgate vicário" cujo valor cobre uma falta humana.

Lutron ("soltar") vem de *luo*, que significa "tornar livre, pagando algo como resgate". No caso dos prisioneiros ou escravos, era pago um *lutron* para conseguir sua libertação. É um conceito que nos adveio do Velho Testamento.

S. Mateus 20:28; S. Marcos 10:45. Nestas passagens, a forma usada é o aoristo, o qual indica que Cristo "deu a Sua vida" num momento histórico (Gálatas 4:4).

Salim Japas

4. *É de suma importância para o Universo.*

a. S. Lucas 9:30 e 31. Moisés e Elias "falavam da Sua partida, que Ele estava para cumprir em Jerusalém".

b. Apocalipse 5:8-12.

c. "Não foi, porém, a lança atirada, não foi a dor da crucifixão, que produziu a morte de Jesus. Aquele grito soltado 'com grande voz' no momento da morte, a corrente de sangue e água que Lhe fluiu do lado, demonstravam que *Ele morreu pela ruptura do coração. Partiu-se Lhe o coração pela angústia mental. Foi morto pelo pecado do mundo.*" — *O Desejado de Todas as Nações*, ed. popular, pág. 741.

"A contemplação desse sacrifício será a glória dos que, como fruto do mesmo, viverão através dos séculos eternos." — *Idem*, pág. 599.

5. *Vocabulário usado para descrever a paixão e morte de Cristo.*

(1) *Sacrifício — Resgate — Redenção*

a. Efésios 5:2; Hebreus 9:26. "Pelo sacrifício de Si mesmo."

b. É um *sacrifício Vicário*, isto é, em substituição (do latim "vicarius" = substituto, suplente). Embora a palavra "vicário" não se encontre no texto, a idéia é essa.

c. Ao mesmo tempo que é Deus, Cristo pertence realmente à raça humana. É um de nós e por isso satisfaz por nós, em nosso favor e em nosso lugar, no sentido de que realiza por nós o que poderíamos fazer; mas não para dispensar-nos de satisfazer. Ao contrário, Cristo nos convida a satisfazer nEle e por Seu intermédio todas as nossas faltas e as de nossos irmãos.

(2) *Justificação* (*Tsadaq* — *Dikaiosune* = justiça)

a. Romanos 3:24 e 25; 5:9; 4:22-25.

O verbo *Tsadaq* significa fazer ou declarar justo, justificar, vindicar.

b. Às vezes é Deus quem deve ser justificado: Jó 32:2; Sal. 51:4. Geralmente Deus é o sujeito do verbo — é Aquele que justifica.

c. Os homens só devem justificar os inocentes. Deuteronômio 25:1; Provérbios 17:15; Isaías 5:23.

Se um homem justo é condenado pelos homens, ele se consola sabendo que Deus o justificará. Isaías 50:8.

d. Quando Deus justifica o homem pecador, surge uma contradição: O homem é justificado e se torna justiça. Salmo 15; o homem espiritual sabe que

**Artigos
Gerais**

não pode alcançar a norma de Deus. Jó 25:4; Salmo 143:2. Não há homem capaz de alcançar a norma. Deus usa Sua vontade soberana para justificar o ímpio. Salmo 51:17. É uma justificação vicária. Isaías 53:11. Quando Deus justifica, Ele não perdoa o homem, com base na inocência do homem, e, sim, com base em Sua graça soberana. Romanos 3:23 e 24.

e. Três usos nos Evangelhos:

(1) Os homens justificando a Deus ou Sua sabedoria. S. Mateus 11:19; S. Lucas 7:29.

(2) Os homens justificando a si mesmos. S. Lucas 10:29; 16:15.

(3) Deus justificando o publicano. S. Lucas 18:14.

f. A questão básica é: Como pode o homem justificar-se ou ser justo diante de Deus? Como pode o pecador ser justo diante de Deus?

g. Cumpre lembrar que o pecado é sempre contra Deus; a essência do pecado é contra Deus; a ira de Deus é contra o pecado. Romanos 1:18.

h. O problema fundamental aqui é como o homem pecador pode tornar-se justo para com Deus. A única resposta é a que dá Romanos 8:33 (Deus justifica).

Não é a ação do homem, é a Ação de Deus (Sua graça soberana). Romanos 3:24.

Distinguir entre justificação bíblica e justificação católica

a. Justificação não quer dizer que o pecador passa a ser justo, bom e reto.

b. A *infusão de graça* pela qual o justificado se torna santo é um erro.

Quando um juiz declara que uma pessoa é justa, *não a torna justa*.

Quando declara que o réu é culpado, *não o está tornando um réu*.

É um ato declarativo.

c. Regeneração é um ato de Deus em nós.

Justificação é um juízo de Deus a nosso respeito.

A diferença é a que existe entre um juiz e um cirurgião.

O juiz só emite um veredicto a respeito de nossa inocência ou culpabilidade. O cirurgião, se opera e extirpa um tumor canceroso, realiza algo em nós.

d. O problema aqui é que Deus declara justa, não à pessoa justa, mas à pessoa injusta. Como se pode entender isto? O juízo de Deus é reto. Como pode o reto Juiz declarar justo ao injusto? Romanos 4:5; 3:19-24.

Se o homem fizesse isto, seria uma abominação diante de Deus, porque o

homem deve condenar ao ímpio e justificar somente ao reto.

Mas Deus, ao justificar o ímpio, é justo. Romanos 3:26.

Justificação é sempre um termo judicial

a. Justificação é um ato declarativo e constitutivo, e consiste em imputar-nos a obediência e a justiça de Cristo. Romanos 5:19.

b. A obediência de Cristo deve ser considerada como o fundamento da justificação, pois é essa obediência que Deus reconhece e credita a nosso favor quando nos justifica.

Que é a justificação pela fé

a. Gênesis 15:6. Isto é mencionado várias vezes no Novo Testamento: Romanos 4:3; 9:6-10; Gálatas 3:6; S. Tiago 2:23.

Que papel é desempenhado aí pela fé?

Justificado por fé não quer dizer por causa ou por mérito de. A fé não é a justiça que nos é imputada. Efésios 2:8-10.

b. A justificação não é por obras. Romanos 3:20; 4:2; 10:3 e 4; Gálatas 2:16; 3:11; 5:4; Filipenses 3:9.

Roma deturpou esta verdade.

Somos justificados pela graça. Romanos 3:24; 5:15-21

a. Somos justificados em Cristo. Romanos 8:1; I Coríntios 6:11; Gálatas 2:17. É mediante o sacrifício redentor de Cristo. É algo que nos transcende e que se acha fora de nós mesmos.

b. A justiça de nossa justificação é a justiça divina.

c. A justiça da justificação é a justiça que se baseia na obediência de Cristo. Romanos 5:17, 19 e 21.

d. Justificação é um ato que procede de Deus; é um ato de Deus e de Deus somente.

e. Justificação é somente pela fé, mas não por uma fé que está sozinha.

f. Justificação não é tudo que está contido no evangelho da graça divina. A fé é o meio para a justificação da pessoa, mas uma pessoa só com fé seria uma monstruosidade que nunca existiu no reino de Deus, porque a fé atua pelo amor. Gálatas 5:6; S. Tiago 2:17-20.

(3) Propiciação — Expição

a. Hebreus 9:5. "Propiciatório" vem de *hilasterion*. Nesta palavra estão incluídas duas idéias: propiciação e expiação.

b. Hebreus 2:17. Aqui aparece o conceito da ira de Deus aplacada pela obra expiatória de Cristo.

c. I S. João 2:2; 4:10. A palavra-chave aqui é *filamos*. A ira de Deus é

diferente da ira do homem. A ira de Deus é ira contra o pecado.

d. "A sabedoria infinita é revelada em Cristo. Ele sofreu em lugar dos homens, a fim de que tivessem outra oportunidade e mostrassem assim se finalmente seriam súditos dignos do novo reino. Seu sangue foi nosso resgate. Sua morte coloca a vida e imortalidade ao nosso alcance." — *Special Testimonies for Ministers*, pág. 28.

"A obra do Filho amado, de empreender a união do criado com o incriado, do finito com o infinito, em Sua própria pessoa divina, é um assunto que pode muito bem ocupar nosso pensamento por toda a vida. Esta obra de Cristo tinha por finalidade confirmar os seres dos outros mundos em sua inocência e lealdade, e também salvar os pecadores deste planeta. Ele abriu o caminho para que os desobedientes pudessem retornar à lealdade que deve ser tributada a Deus, ao passo que pelo mesmo ato ergueu uma barreira protetora ao redor dos seres não caídos." — *Review and Herald*, 11 de janeiro de 1881.

O ódio de Deus contra o pecado pode dar-nos a errônea impressão de que em Deus há descontrole; mas, na realidade, para Deus não há aperto. O pecado finalmente será destruído.

(4) Reconciliação

a. Provém de duas palavras latinas: *Re-conciliare*, e significa "estabelecer a unidade outra vez".

b. Romanos 5:10 e 11; II Coríntios 5:18-20.

c. A reconciliação bíblica implica que o homem deve ser transformado para entrar na nova relação. Deus não odeia o pecador; Ele odeia o pecado. O homem também deve odiar o pecado. A reconciliação é efetuada por Deus. Romanos 5:10-12; II Coríntios 5:14-18.

d. "Uma lição achava-se incorporada em cada sacrifício, impressa em cada cerimônia, solenemente ensinada pelo sacerdote em seu ofício sagrado e inculcada pelo próprio Deus — que somente por meio do sangue de Cristo é perdoado o pecado." — *The SDA Bible Commentary*, vol. 7, pág. 933. Ver também as páginas 925 e 971.

6. A mensagem da cruz.

a. I Coríntios 1:23; 2:2; 15:3; Gálatas 6:14; Filipenses 3:18; Romanos 6:3.

b. A morte de Cristo é recordada no batismo e na Ceia do Senhor.

c. *Três verdades* acerca do homem ensinadas na cruz: universalidade do pecado. Romanos 3:10 e 23; universalidade da morte. Romanos 6:23; e uni-

O ódio de Deus contra o pecado pode dar-nos a errônea impressão de que em Deus há descontrole; mas, na realidade, para Deus não há aperto. O pecado finalmente será destruído.

versalidade da oferta de salvação. Romanos 6:23; 3:24; 5:8.

d. A cruz é a solução de Deus para o problema do pecado.

e. *Uma verdade* acerca de Deus ensinada na cruz: na cruz se satisfaz a justiça de Deus. É revelado o Seu caráter. Romanos 3:23-26.

f. *Uma verdade* acerca de Jesus ensinada na cruz: "Deus tem o direito de fazer o que faz, e eu me submeto."

A cruz não é somente um castigo; é um juízo moral pronunciado pelo Pai e pelo Filho.

g. "São necessários discursos teóricos, para que o povo veja a cadeia da verdade, elo após elo, ligando-se num todo perfeito; mas nunca se deve pregar um sermão sem apresentar a Cristo, e Ele crucificado, como a base do evangelho. Os ministros alcançariam mais corações, se salientassem mais a piedade prática." — *Evangelismo*, pág. 186. (Grifo acrescentado.)

"São estes os nossos temas: Cristo crucificado pelos nossos pecados, Cristo ressuscitado dentre os mortos, Cristo nosso intercessor perante Deus; e intimamente relacionada com estes assuntos acha-se a obra do Espírito Santo, representante de Cristo, enviado com poder divino e com dons para os homens." — *Idem*, pág. 187.

"Apresentai com voz genuína uma mensagem afirmativa. Exaltai-O, ao Homem do Calvário, cada vez mais alto. Há poder na exaltação da cruz de Cristo." — *Ibidem*.

"Reuni as mais vigorosas declarações afirmativas atinentes à expiação que Cristo fez pelos pecados do mundo." — *Ibidem*.

"O sacrifício de Cristo como expiação pelo pecado, é a grande verdade em torno da qual se agrupam as outras. A fim de ser devidamente compreendida e apreciada, toda verdade da Palavra de Deus, desde Gênesis a Apocalipse, precisa ser estudada à luz que dimana da cruz do Calvário. Eu apresento perante vós o grande, magno monumento de misericórdia e regeneração, salvação e redenção. — O Filho de Deus erguido na cruz. Isto tem de ser o fundamento de todo sermão feito por nossos ministros." — *Idem*, pág. 190.

■ *Mordomia Fortalece Espiritualmente a Igreja*

■ *Mordomia Livra o Cristão da Cobiça e do Materialismo*

Racionalismo, Empirismo e Cristianismo Como Sistemas Filosóficos Para Chegar à Verdade

Dois sistemas filosóficos — o racionalismo e o empirismo — estabelecidos como métodos para chegar à verdade, têm estado competindo durante os últimos 2.500 anos. No empirismo, a percepção sensorial é a autoridade final. O raciocínio é principalmente indutivo e se considera que o conhecimento obtido é provável, mas não incontestável.¹

Por sua vez, o racionalismo assevera que há um domínio especial do conhecimento adquirido mediante a capacidade chamada razão e que este conhecimento é inacessível às percepções sensoriais. A realidade transcende os fenômenos observáveis e o conhecimento obtido empiricamente é apenas um pobre substituto da realidade só cognoscível por meio da visão mental. Para o racionalismo, as matemáticas são consideradas a forma ideal de conhecimento, e a razão como a autoridade final. O raciocínio é dedutivo, e o conhecimento obtido é considerado incontestável.²

Segundo Hans Reichenbach, filósofo das Ciências conhecido internacionalmente, o racionalismo é a filosofia do homem insatisfeito com a experiência sensorial e que deseja algo mais. É a inclinação emocional para o mundo imaginativo no qual tem florescido a religião.³ As conclusões do racionalismo nunca são superiores aos axiomas e postulados em que se baseiam.⁴ As conclusões errôneas do racionalismo podem ser o resultado de premissas falsas, imperfeições da linguagem (sua ambigüidade)⁵, limitações da capacidade humana de raciocinar e atitudes humanas defeituosas (preconceitos, má fé, etc.). Por isso Ellen G. White nos adverte de que tenhamos cuidado com as filosofias especulativas e com a exaltação da razão humana acima de seu verdadeiro valor.⁶ Ela declara que o racionalismo faz da razão um ídolo e deixa de lado a Bíblia, enquanto exalta a sabedoria humana como fonte de verdade religiosa.⁷

Dr. Conrad D. Clausen
Professor assistente de Biologia na Universidade de Loma Linda, Califórnia. Seu artigo apareceu originalmente na revista *Origins* (volume 1, número 1, de 1974). Usado com permissão.

Também o empirismo considera a razão como ferramenta indispensável. Reichenbach assinala que "a observação nos informa acerca do passado e do presente; a razão prediz o futuro".⁸ Tem uma função preditiva. O empirismo conserva os métodos do racionalismo, mas verifica suas conclusões (predições) mediante a observação. Disto se infere que a filosofia empírica se baseia nas duas suposições seguintes: 1) as percepções sensoriais são um guia digno de confiança para conhecer a realidade; e 2) a realidade é uniforme e coerente. Se se considera que estas duas suposições são auto-evidentes, então o empirismo — empregando uma combinação de percepções sensoriais e razão — representa um método mais eficiente para chegar à verdade. A autoridade final ou prova definitiva da verdade das coisas reside nas percepções sensoriais. A razão — com suas funções preditivas — desempenha um papel subordinado. Os significativos progressos nas comunicações, nos transportes, nos produtos sintéticos, na ciência médica e na agricultura, que têm sido promovidos pelo empirismo, indicam que este é provavelmente o melhor dos dois sistemas filosóficos que estamos examinando, pelo menos do ponto de vista pragmático ou utilitário.

O Empirismo: Suas Limitações e Fracassos

O empirismo tem três pontos débeis: 1) sua aparente incapacidade para resolver problemas morais e éticos; 2) a natureza probabilista do conhecimento obtido por meio do enfoque empírico; e 3) sua dependência do racionalismo ao tratar de acontecimentos passados e futuros e de toda interpretação.

O bom êxito do empirismo tem sido ambíguo. Embora esse bom êxito tenha sido significativo quanto a melhorar a condição física e material do homem, não tem feito progressos igualmente significativos quanto a melhorar a condição espiritual (não material e fi-

sica) do homem (que se mede em termos de felicidade, paz mental, segurança, conduta humana e relações interpessoais), nem diretamente (mediante a psicologia e as ciências sociais), nem indiretamente (como subproduto de seus triunfos no mundo da matéria). Isto pode ser considerado como um fracasso temporário (haverá progressos), ou como uma incapacidade básica da filosofia empírica para encarar esta espécie de problemas.

O empirismo não conta com afirmações absolutas sobre a natureza do que é bom ou do que é mau; portanto, as conclusões empíricas podem, em si mesmas, ser somente amorais, sempre como respostas a um "qual é?" e não a um "qual deve ser?".⁹ Apesar disso, (infelizmente, talvez), os cientistas usam correntemente o conhecimento derivado empiricamente e a prática do método empírico (feita pelos cientistas) como pautas para estabelecer valores morais e éticos gerais.^{10 11 12} Estes esforços devem começar sempre com a suposição de que os princípios da tolerância, equidade, justiça — tais como são praticados pela comunidade científica — são desejáveis e bons. Partindo desta base, eles mostram depois que esses princípios produzirão uma melhoria da condição espiritual do homem. Considera-se então que o fracasso não é o do empirismo ou da maneira como é praticado, e, sim, o resultado de que os princípios diretrizes da comunidade científica não foram aceitos como elementos orientadores para a vida diária pelos governos, pelos estadistas e pela comunidade não científica em geral.¹³

A natureza probabilista do empirismo deriva de duas pressuposições que lhe servem de fundamento. A uniformidade da Natureza tem sido considerada como base da validade da indução (como método para chegar à verdade) e também como conclusão resultante da aplicação do método indutivo. Ordinariamente se considera como auto-evidente a uniformidade da Natureza, o que depois é transformado no axioma no qual se fundamenta a validade do raciocínio indutivo.¹⁴ Seja como for, o raciocínio indutivo do empirismo jamais conduz à certeza. As conclusões somente podem tornar-se mais prováveis.¹⁵

A incerteza do conhecimento empírico é também resultado da falibilidade da percepção sensorial. A ocorrência de ilusões ópticas serve para demonstrar com facilidade que a percepção sensorial nem sempre é um guia digno

O empirismo tem três pontos débeis: 1) sua aparente incapacidade para resolver problemas morais e éticos; 2) a natureza probabilista do conhecimento obtido por meio do enfoque empírico; e 3) sua dependência do racionalismo ao tratar de acontecimentos passados e futuros e de toda interpretação.

de confiança para conhecer a realidade. No entanto, talvez seja um problema ainda mais sério a má interpretação de objetos ou acontecimentos corretamente percebidos. Amiúde são incorretas as primeiras interpretações feitas de percepções sensoriais que pareciam ser óbvias. Assim, ocorre que a Terra parece ser plana, a matéria parece ser contínua e o Sol parece girar em torno da Terra. (Com efeito, disse Galileu acerca do sistema heliocêntrico: "Não posso expressar com suficiente vigor minha ilimitada admiração pela grandeza intelectual desses homens que o conceberam e asseveraram que era certo . . . , em violenta oposição às evidências proporcionadas pelos sentidos."¹⁶) A esta altura se observa mui facilmente a vantagem que tem o empirismo.

No entanto, essa vantagem é ambígua. Chega-se cada vez mais perto da verdade, mas nunca se chega a alcançá-la completamente. O conhecimento é inseguro e as teorias são instáveis. Novas observações e melhores instrumentos conduzem inevitavelmente a uma revolução científica.¹⁷

Tanto na interpretação das percepções sensoriais como na extrapolação das observações atuais dos sentidos a eventos históricos ou futuros (que é uma forma de interpretação), o empirismo depende da razão e dos métodos do racionalismo. Daí resulta que, no âmbito da interpretação, o empirismo pode ser afetado pelas mesmas causas que produzem os erros do racionalismo. A interpretação — embora cientificamente legítima — deve ser feita com as devidas precauções e com plena consciência de sua falibilidade.

O Empirismo: a Secularização do Cristianismo

Os escolásticos medievais buscaram a verdade por meio da filosofia racionalista. Isto não é, entretanto, suficiente para dar a Reichenbach o direito de concluir que o racionalismo é a filosofia da religião, pois Lutero, como líder religioso desse tempo, atacou a filosofia racionalista dos escolásticos.⁷ É melhor considerar a ambos os sistemas como arreligiosos — nem a favor nem contra da validade do cristianismo — ou (com maior probabilidade) como religiões em si mesmos — independentes do cristianismo. Adulterar o cristianismo com as proposições falsas de qualquer destas "religiões" poderia dar a impressão de que o cristianismo depende de um dos respectivos sistemas filosóficos ou se baseia nele. Pode haver sido o racionalismo na Idade Média,

mas hoje seria provavelmente o empirismo. No entanto, o cristianismo puro não pertence a nenhum desses sistemas filosóficos. Possui elementos de ambos, mas vai além de qualquer deles.

São bem definidas a natureza e a estrutura religiosas do racionalismo e do empirismo. Têm seus deuses (razão e percepção sensorial da Natureza) e suas leis (leis da lógica e leis da Natureza). Os paralelismos existentes entre a natureza e a estrutura do empirismo e do cristianismo foram apresentados minudentemente pelo destacado filósofo da Ciência contemporâneo, Karl Popper²³, e por C. F. Weizsacker.¹⁸ Este último mostra que a religião do cientificismo (ou empirismo, para usar nossa terminologia) é produto da secularização do cristianismo. Assim, a estrutura retém os princípios de justiça, tolerância, honestidade, etc., como base para a ação moral da comunidade científica. Os conceitos de liberdade e autoridade no empirismo¹⁹ estão próximos dos conceitos cristãos correspondentes, mas constituem uma deturpação deles. A função dos problemas (como expectativas não realizadas) e da experiência no cristianismo tem sua contraparte no empirismo²³, e a natureza do descobrimento científico pode considerar-se análoga à natureza da conversão — o descobrimento de Deus. A estrutura cristã do empirismo tem permanecido, assim, mais ou menos intacta, mas o propósito se desviou da busca de triunfos espirituais para a busca de triunfos materiais.

O empirismo é uma verdadeira religião, mas copiou muita coisa do cristianismo. A validez de sua existência depende de ter feito algumas contribuições adicionais próprias, ou, pelo contrário, de haver usurpado simplesmente a autoridade do cristianismo e haver apostatado.

O Cristianismo

Por "cristianismo" entendemos o sistema religioso, as doutrinas e as práticas dos cristãos. O singular, que serve de fundamento para o cristianismo, é a reconciliação com Deus — o restabelecimento de uma relação com Deus. Aqui usamos o termo "cristianismo" para nos referirmos especificamente a um terceiro sistema filosófico. Embora este sistema valorize tanto a razão como a percepção sensorial, declara que existe um conhecimento inacessível tanto à razão humana como à percepção sensorial. Chega-se à verdade utilizando a revelação especial, como também a razão e a percepção sen-

O empirismo não conta com afirmações absolutas sobre a natureza do que é bom ou do que é mau; portanto, as conclusões empíricas podem, em si mesmas, ser somente amorais, sempre como respostas a um "qual é?" e não a um "qual deve ser?".

sorial. Considera-se a revelação como a forma ideal de conhecimento, e Deus é a autoridade final.

A revelação consiste em receber conhecimento da verdade da parte de alguém que tem informação especial. Sendo que se trata de uma verdade que procede diretamente da fonte de toda a verdade, deve ser — em certo sentido — o método mais eficiente de chegar à verdade. Entretanto, no cristianismo, do mesmo modo que nos sistemas filosóficos anteriores, há problemas aparentes. Tal como acontece com o empirismo, estes procedem de três fontes: 1) fracasso aparente em melhorar a condição espiritual do homem; 2) pressuposições em que se baseia o cristianismo; e 3) a concepção que o cristianismo tem da verdade.

Por sua própria natureza, a verdade revelada não pode ser incorporada prontamente. Assim, não pode ser obtida unicamente pela memorização de fatos ou de certas passagens bíblicas (embora isto possa ser necessário). No cristianismo a verdade só é considerada importante na medida em que se vai imprimindo na mente e se torna uma parte integrante do indivíduo, com o que é facilitada a modificação. Requer não somente um ato revelador da parte de Deus, mas também um ato ou atos criadores da parte de quem a recebe.

O cristianismo pressupõe: 1) que Deus existe; e 2) que Suas revelações são dignas de confiança. Podemos comparar isto com as duas suposições do empirismo: 1) existe uniformidade da Natureza; e 2) a revelação da Natureza por meio da percepção sensorial é digna de confiança. Assim como a fé no raciocínio indutivo leva à verificação destas últimas suposições, também a fé na revelação de Deus leva à verificação das suposições do cristianismo. Em ambos os casos as conclusões se baseiam num raciocínio de tipo circular, e nem num caso nem no outro podem ser consideradas como logicamente incontestáveis. Somente estamos procurando mostrar aqui o paralelismo (a esta altura) entre o empirismo e o cristianismo. Para poder avançar em qualquer dos dois sistemas se requer um ato inicial de fé.

Assim como o empirismo, também o cristianismo depara com um aparente fracasso (antecipado na realidade pelo cristianismo) em seus esforços por melhorar a condição espiritual dos homens. O cristianismo tem pretendido ter poder e conhecimentos especiais nesta área. No entanto, do mesmo modo que no caso do empirismo, este fracasso não é considerado como um fra-

casso do cristianismo, e, sim, como resultado da falta de aceitação, por parte da comunidade mundial, de seus princípios como normas da vida diária. Todavia, por duas razões, o prognóstico que pode ser feito quanto ao triunfo final do cristianismo no âmbito dos valores morais e da ética é infinitas vezes mais animador do que o que pode ser feito para o empirismo. O cristianismo proporciona às pessoas um poder especial (de que não dispõe o empirismo) para produzir melhoras em sua condição espiritual. Também proporciona uma norma absoluta de moral. Graças a esta, o bem e o mal do cristianismo se tornam análogos ao verdadeiro e ao falso do empirismo, possibilitando que a exatidão de uma ação seja submetida ao método experimental. Parece irônico que a ação moral que não pode ser submetida ao método experimental no sistema filosófico do empirismo (que tanto depende do método experimental) seja experimentalmente verificável no cristianismo (cuja autoridade final é a revelação).

Posto que a experiência não ocupe o papel dominante no cristianismo, cumpre funções subsidiárias. Ellen G. White afirma que a divulgação do cristianismo (em tempos recentes) se tornou mais rápida quando "os homens se tornaram descontentes com os resultados do racionalismo e compenetraram-se da necessidade da revelação divina e da religião experimental".²¹ Cada indivíduo tem a responsabilidade pessoal de provar por si mesmo quão digna de confiança é a revelação especial mediante o conhecimento experimental. Por outro lado, a correta compreensão da revelação só pode ser obtida mediante a aplicação experimental dos princípios revelados às situações reais da vida. Estas duas aplicações do método experimental produzem crescimento na fé e na ação.

No cristianismo, a fonte de conhecimento é um triunvirato de razão, percepção sensorial e revelação especial. A autoridade final reside na revelação infalível. A razão santificada e a percepção sensorial são as ferramentas usadas para aplicar corretamente os princípios revelados.

Resumo

O cristianismo tem a capacidade potencial de melhorar a condição espiritual do homem e, além disso, proporciona um ambiente adequado para o desenvolvimento dos conceitos de fenômenos materiais e físicos passados, presentes e futuros. A ciência empírica

A incerteza do conhecimento empírico é também resultado da falibilidade da percepção sensorial.

só encontra sua colocação adequada dentro do contexto do cristianismo. Atua aí como revelação geral. O método científico (no sentido restrito que é dado a esse termo pela maioria dos cientistas) é a aplicação da filosofia geral do cristianismo ao estudo dos fenômenos naturais. Visto assim, não tem cabimento falar de aplicar o método científico ao cristianismo, sendo que o método científico é parte do cristianismo e sempre constitui uma parte intrínseca (embora nem sempre tenha sido aplicado por causa da ênfase dos valores espirituais) da filosofia do cristianismo.

O uso do método científico no contexto do sistema filosófico do cristianismo tem vantagens se o compararmos com seu uso no empirismo. A unidade da verdade faz com que o método científico seja a alternativa mais razoável e digna de confiança, por estar dentro de um sistema que abarca toda a verdade. Além disso, a revelação proporciona ao cristianismo uma fonte de informação (disponível para ser usada pelo método científico) de que não dispõe o empirismo. Neste contexto a revelação é contemplada como preciosa fonte de conhecimento que pode ser usado ao máximo na procura da verdade, e não como restrição à liberdade. A revelação é uma autoridade (semelhante, mas não idêntica, à autoridade geral de Polanyi)²² que proporciona normas para a atividade mais frutífera.

Bibliografia

1. H. Reichenbach, *The rise of scientific philosophy* (Los Angeles: University of California Press, 1968), págs. 75 e 76.
2. *Idem*, págs. 74, 76, 252 e 253.
3. *Idem*, págs. 253 e 254.
4. W. C. Salmon, *Logic* (Englewood Cliffs, N. J.: Prentice-Hall, Inc., 1963), págs. 4 e 5.
5. *Idem*, págs. 102-104.
6. Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, capítulo "O Perigo do Conhecimento Especulativo".
7. Ellen G. White, *O Grande Conflito*, págs. 190 e 191.
8. Reichenbach, *op. cit.*, pag. 80.
9. *Idem*, págs. 278-302.
10. G. G. Simpson, *The meaning of evolution* (New Haven: Yale University Press, 1967), pag. 29.
11. J. Bronowski, *Science and human values* (Nova Iorque: Harper and Row, 1959).
12. M. Polanyi, *Science, faith, and society* (Chicago: University of Chicago Press, 1969).
13. Bronowski, *op. cit.*, págs. 65-94.
14. A. Arber, *The mind and the eye* (Londres: Cambridge University Press, 1954), págs. 83 e 84.
15. Salmon, *op. cit.*, págs. 53-55.
16. Citado por K. R. Popper, *Science: problems, aims, responsibilities* (Federation Proceedings 22:961-972, 1963).
17. T. S. Kuhn, *The structure of scientific revolutions* (Chicago: University of Chicago Press, 1970).
18. C. F. von Weizsäcker, *The relevance of science* (Nova Iorque: Harper and Row, 1964).
19. Polanyi, *op. cit.*, pag. 58.
20. *Idem*, págs. 34 e 35.
21. Ellen G. White, *O Grande Conflito*, págs. 285.
22. Polanyi, *op. cit.*, pag. 57.
23. Popper, *op. cit.*, págs. 961-972.